

Residents querem garantias do GDF

MARCELA DUARTE E

ANDRÉ BEZERRA

DA EQUIPE DO CORREIO

Depois de cinco dias de paralisação, os residents aceitaram a proposta de 27,49% de reajuste da Secretaria de Saúde, mas continuam de braços cruzados. Em assembleia na manhã de ontem, decidiram só voltar ao trabalho após receber garantias de que a proposta será cumprida mesmo com a transição do governo. Enquanto isso, a população sofre nas filas de atendimento e cirurgias são canceladas. Só na ortopedia do Hospital do Gama (HRG) foram adiadas cinco, ontem. A secretaria garante que atenderá as solicitações dos residents para que a paralisação chegue ao fim.

No Hospital Regional da Ceilândia (HRC), a clínica médica e a ortopedia eram as especialidades mais solicitadas, na manhã de ontem. A faxineira Francisca Noleto da Silva, 39 anos, chegou às 6h30, de Águas Lindas, com irritação nos olhos. "Não dá para entender o desrespeito. Se a gente procura o hospital é por necessidade", reclamou. No início da tarde, ela ainda esperava atendimento. O vice-diretor do HRC, Jomar Amorim, disse que a greve não é o único motivo para a demora. "Aqui só temos residents na cirurgia e na ginecologia. Médicos estão sendo deslocados para cobrir a emergência. Outra implicação é o número de profissionais que tiram férias e li-

Marcelo Ferreira/CB



COM O BRAÇO CHEIO DE PINOS, CARLOS ALBERTO ESPEROU MAIS DE TRÊS HORAS NO HOSPITAL DO GAMA

cença no final do ano", explicou.

No HRT, em Taguatinga, o mesmo problema. Lucidalva Soares Pereira, 37 anos, chegou por volta das 9h, e no início da tarde ainda não havia sido atendida. "Estou com fortes dores na perna. É um absurdo esperar tanto", disse a dona-de-casa. Segundo a assessoria de imprensa do HRT, mesmo com a greve os médicos estão conseguindo manter a média de mil atendimentos por dia.

A sala de espera do Hospital Regional do Gama (HRG), também ficou tumultuada o dia

todo. Márcio Scalia, 50 anos, esperou seis horas. "Não fiz nem raios X. O médico olhou para mim, passou um medicamento e me mandou para casa", disse ele, que se queixava de dor nas costas. O pedreiro Carlos Alberto da Conceição, 47 anos, foi levar o resultado de um exame para o médico avaliar o braço dele, que precisou de pinos depois de uma queda. "Estou aguardando há três horas", afirmou.

Exigências

Os residents ganham R\$ 1.479 de bolsa e mais 30% como auxílio

moradia. Com o aumento de 27,49%, receberão R\$ 1.879. "O que temos assinado pelo secretário de Saúde, José Geraldo Maciel, é um papel com a proposta do reajuste. Não podemos confiar só nisso. Temos as outras exigências também e queremos uma posição", afirmou Márcio Almeida, vice-presidente da Associação Brasiliense dos Médicos Residents (Abramer). Eles reivindicam fiscalização das 60 horas de trabalho estabelecidas por lei e plano de carreira para médicos preceptores (que auxiliam na formação dos residents).

Falta de credibilidade

A paralisação atinge 80% dos residents, segundo a Abramer. Hoje, haverá assembleia, às 9h, em frente ao Hran. No Hospital Universitário de Brasília (HUB), 70% dos residents decidiram aderir ao movimento nacional, ontem. O hospital é mantido pelo Governo Federal. De acordo com a diretoria, o atendimento na emergência não será interrompido.

Para o secretário de Saúde, José Geraldo Maciel, a exigência de garantia feita pelos residents é o reflexo da sociedade que perdeu a confiança em acordos. "É lamentável que ao longo da história as instituições tenham perdido a credibilidade, não é só a Secretaria

de Saúde. Eles estão no direito de querer tudo escrito, assinado, documentado", disse Maciel. Hoje, a secretaria inaugura o pronto socorro para atendimento ortopédico e cirurgia geral no Hospital do Gama, uma reivindicação antiga dos residents.

Remédios

O medicamento Avalox, em falta até ontem na Farmácia de Alto Custo da rede pública, estará disponível a partir de hoje, segundo o subsecretário de Apoio Operacional, Ornel Costa. Indicado para pacientes com esclerose múltipla, o remédio não estava nas prateleiras da farmácia na manhã e tarde de ontem, ao contrário

do que informou a Secretaria de Saúde. No sábado, havia apenas 22 ampolas, insuficientes para a demanda. No domingo, não havia mais. A falta deixou indignado o estudante Gustavo Kaufmann, 26 anos. "Tomei a última dose no domingo e preciso tomar a próxima no dia 19. Se não der, terei de interromper o tratamento." A esclerose múltipla é uma doença degenerativa que não tem cura e afeta o sistema nervoso central. O Avalox é vendido no mercado, mas o tratamento mensal custa R\$ 4 mil em média. A assessoria de imprensa da Secretaria de Saúde informou que hoje os usuários da Farmácia de Alto Custo poderão retirá-lo.